

UM OLHAR SOBRE O PENSAMENTO GEOGRÁFICO DA FORMAÇÃO TERRITORIAL DE ITABAIANA, SERGIPE¹

Fabrcia de Oliveira Santos

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe
Professora do Departamento de Geografia de Itabaiana - DGEI/UFS

fabriciase@gmail.com

Resumo

O artigo se propõe a discutir uma pesquisa geográfica. Um estudo de formação territorial do município sergipano de Itabaiana. Realiza uma leitura desse processo a partir das categorias de análise: camponês, costume, terra, trabalho, e formação territorial, presentes em fontes documentais diversas em diferentes suportes do conhecimento. As categorias permitem acessar meandros da produção desse espaço através de pesquisa bibliográfica e atividades de campo. A leitura das fontes, balizadas pelas categorias, desvelam ideias e materialidades sobre a produção social do espaço geográfico de Itabaiana, permitem um entendimento das contradições pretéritas e atuais que engendram a formação territorial. Os resultados obtidos têm contribuído com possibilidades de práxis, sobretudo na socialização da pesquisa no ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chave: pensamento geográfico. formação territorial. fontes documentais.

¹ Texto apresentado no Curso de Extensão História e Geografia: diálogos interdisciplinares, Mesa Redonda I – História e Pensamento Geográfico, dia 20/07/2018, Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão.



A LOOK ABOUT THE GEOGRAPHICAL THINKING OF THE TERRITORIAL FORMATION OF ITABAIANA, SERGIPE

Fabrcia de Oliveira Santos

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe
Professora do Departamento de Geografia de Itabaiana - DGEI/UFS

fabruciase@gmail.com

Abstract

The article proposes to discuss a geographic survey. A study of territorial formation in the Itabaiana municipality of Sergipe. Performs a reading of this process from the categories of analysis: peasant, custom, land, work, and territorial formation, present in different documentary sources different knowledge supports. The categories allow access to the intricacies of the production of this space through bibliographic research and field activities. The reading of the sources, marked by the categories, reveals ideas and materialities about the social production of the geographical space of Itabaiana, allowing an understanding of the past and current contradictions that engender the territorial formation. The results obtained have contributed with possibilities of praxis, especially in the socialization of research with teaching activities, and of extension in graduation.

Keywords: geographic thinking. territorial formation. documentary sources.



O fazer a história e as circunstâncias em que ela ocorre são entranhadas no real concreto de determinações sociais e da natureza. Como pensar geograficamente esse real? Não se pretende com esses questionamentos entrar em pautas polêmicas da epistemologia da Geografia, todavia, recordar o fazer científico sempre é salutar para não se perder a dimensão social e política da ciência (DEMO, 1985; THUILLIER, 1989) e da vida humana. Uma prescrição que pode se aplicar à Geografia ou qualquer outra forma de conhecimento científico.

Para guiar o pensar científico, uma compreensão de método, no sentido filosófico, uma vez que fazer ciência requer pensar cientificamente, ter clareza de seu funcionamento (DEMO, 1985), das tessituras de seus debates e de seus respectivos contextos históricos e geográficos.

No caso da ciência geográfica, enquanto ciência humana², as possibilidades de método e de propostas teóricas não têm trânsitos diferenciados das demais áreas no sentido de sua importância, como se pode localizar nas publicações que analisam a formação do pensamento geográfico em diferentes escalas geográficas (CAPEL, 1988; MOREIRA, 2011; MORAES, 1987).

No século XIX, período de compartimentação das ciências, tem-se uma produção geográfica alinhada a métodos com formas de pensar provenientes das ciências naturais e matemáticas, entre normas cartesianas, kantistas, positivistas, e, esta última dimensão filosófica, em sua versão de maior popularidade - a Comtiana³, que vai definir, orientar grande parte do fazer científico no século XIX, sobremodo na Europa Ocidental. Não se tratou de uma hegemonia de como interpretar cientificamente a realidade, mas de uma proposta de destaque no controle da produção do conhecimento. “O conhecimento humano, em suas diferentes formas (senso comum, científico, teológico, filosófico, estético etc.), exprime as condições materiais de um dado momento histórico”. (ANDERY et al. 2012, p. 13)

Assim, os métodos, enquanto caminhos filosóficos (MORAES, COSTA, 1987), que direcionam os questionamentos, e muitas vezes os materializam a partir de teorias sobre/para o real concreto em cada tempo espaço, demandam mecanismos lógicos do pensar humano, promovem a reflexão do intelecto sobre a realidade (SPOSITO, 2004), que estarão presentes nos questionamentos, nas categorias de análise, seguidas e/ou antecedidas de regras, hipóteses, as

² Ver a classificação atual das áreas do CNPq e da CAPES, as classificações para a parte física da Geografia.

³ Sobre as possibilidades do Positivismo, ver: Löwy, 1991.

quais, ‘comprovadas’ resultarão em respostas às questões que, reconhecidas, apresentarão teorias sobre os diferentes fenômenos que inquietam a humanidade⁴. Uma vitória da laicização da forma de pensar, apesar das tendências simultâneas ao campo científico: o senso comum, e as ideologias (DEMO, 1985); e característico do desenvolvimento da ciência moderna (ROSSI, 2001).

O caminho percorrido neste texto, acata uma compreensão do fazer geográfico em sua dimensão crítica, com orientação de método que compreende as contradições para uma análise do pensamento geográfico:

Por pensamento geográfico entende-se um **conjunto de discursos** a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido (...) emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político (...) (MORAES, 1991, p. 32. Grifo da autora).

Junto a esses discursos, “[...] captar no passado elementos de territorialidade contemporânea” (MORAES, 2011, p. 09), uma análise da geografia histórica: “O geógrafo histórico deve se preocupar com o estudo das mudanças no espaço e no tempo, além de investigar como e por que algumas das expressões pretéritas persistem no presente” (CARNEIRO, 2018, p. 26).

Através de discursos e materialidades sobre/e no espaço “ver o território como objeto empírico no espaço enquanto dimensão da realidade” (MORAES, 2011, p. 21), mas não um espaço estático, mas como processo, daí a categoria formação territorial compreendida no interior de: processos de valorização do espaço, como as sociedades, em determinados contextos vão atribuindo valores, mediante o emprego do trabalho sobre determinadas porções espaço terrestre (dimensão da realidade), formam territórios (objeto empírico, uma vez que não é possível abarcar o espaço). Território como totalidade de relações sociais de produção, e não de identidades apenas subjetivas, individuais.

Neste sentido, o território possui uma história, "que explica sua conformação e sua estrutura atual" (MORAES 2011, p. 17). Ler formações territoriais em porções do espaço geográfico, implica em compreender processos. Através do costume camponês, que envolve trabalho e terra, acessa-se algumas possibilidades de leituras da formação territorial entre tempos e

⁴ Todavia, são conhecidas, teorias que apesar de “comprovações” são negligentes com a dignidade humana, como as teorias malthusianas (DAMIANI, 2011); sobre raça e ciência, ver: Machado, 2018.

espaços: Itabaiana com seus limites territoriais anteriores estendidos no passado para: Carira, Pinhão, Riachuelo (parte), Itaporanga (parte), Pedra Mole, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Dores (parte), São Miguel do Aleixo, Moita Bonita, Malhador, Macambira, Campo do Brito, Ribeirópolis, Areia Branca, Frei Paulo (BISPO, 2013, p. 89).

Não se busca costumes subjetivos, de cada camponês, mas costumes sociais, e muitas dessas práticas, subjetivas e de cultura material, são identificadas fora dos limites políticos do território atual. São marcas de ocupação que se estendem por outras territorializações: étnicas e familiares, sobretudo, mas, também, provavelmente definidas por formas específicas nas finalidades de ocupar: por fugas de pessoas escravizadas, perseguidas, como se verifica na toponímia de algumas localidades: Mocambo, Tapera, signos que evocam, respectivamente populações africanas escravizadas e populações originárias brasileiras; singularidades possíveis ainda que dentro de um mesmo território (LEFEBVRE, 2016). Os costumes também estão nas práticas fundiárias e nas formas de trabalho.

Trata-se de uma posição de método de reconhecer o papel da história, da historicidade dessa dinâmica espacial, para iluminar contextos, analisar contradições na na/da formação do território de Itabaiana, Sergipe.

Ainda sobre essa questão de método, Moreira (2012, p. 64-65) destaca o papel da historicidade para: “reesencializar o espaço enquanto dimensão interno-externa dos entes do mundo (...) que renaturalize, reterreie e reterritorialize”. São ações para compreender como se separaram corpo e vida; tiraram do homem a relação com a terra – as relações humanas passaram a ter vínculos econômicos com a terra na divisão social do trabalho; e a expulsão do homem do campo para a cidade. Segundo esse autor, a junção destes três rebatimentos significa a perda do sentido da espacialidade. Se o ser humano foi separado da natureza, da terra, e da relação campo cidade, seria então um ser errante?! Errante também será o seu trabalho, e uma vez que é trabalho quem produz o espaço geográfico, será também errante?

Devido à construção e renovação constante dos mecanismos de alienação do trabalho sob o capitalismo, e considerando que abaixo deste sistema tudo pode ser transformado em mercadoria, e alienado, a ciência também não estaria imune a uma mercantilização⁵.

⁵ Sousa Neto (2014) realiza uma crítica lógica de produção mercantil nas pós-graduações em Geografia no Brasil.

Daí o papel da historicidade, de um método que permite ver essas contradições (MOREIRA, 2012, p. 64-65) e as relações de totalidade na produção do espaço geográfico. Semelhante ao que Bordin (2017, 164) expõe:

[...] fragmentar as relações produtivas e, em decorrência, as relações humanas e cognitivas, o materialismo histórico se posiciona contra a fragmentação, na medida em que propõe integrar todos os campos do conhecimento, porque acredita numa realidade com existência objetiva e que poderia ser conhecida pela razão, em contraposição à realidade indeterminada e incognoscível, considerada pela filosofia idealista e pelo objetivismo positivista.

As exigências do capital têm extrapolado seu espectro para todos os recônditos do fazer humano. De forma que, sob a compressão do espaço tempo (HARVEY, 1992) tem-se, atualmente, um mundo de territórios de identidade virtual e individual: sem acesso à terra, sem essência, seres constituídos por formas etéreas, que se dissolvem e são mortos com muita facilidade, naturalidade, são instigados a praticar hábitos que esvaziam as mentes e mantém seus corpos e suas essências separados da natureza, ainda que aparentemente juntos por discursos e formas igualmente etéreas. Um ápice da evaporação do sentido de totalidade pelos trabalhadores que não sabem quem e o que são no fluxo atroz do capitalismo. Condição, que talvez tenha se iniciado no século XIX, quando Walter Benjamim (2009), ainda na modernidade, em sua *Paris, capital do século XIX*, observou a ampliação do que passou a ser tornado mercadoria e a sua duração fugaz, aparente. Condição que se consolida na chamada *Condição Pós-Moderna*, analisada por Harvey (1992).

Essas observações de método, ancoram neste texto porque, para dizer como o pensamento geográfico e a geografia histórica são trabalhadas na pesquisa geográfica desenvolvida. Tratar de processos humanos com o espaço terrestre, mediados pelas categorias trabalho, tempo e espaço não é algo simples. De como pelo trabalho, a humanidade passa a produzir espaço geográfico, de como geografia vai ter suas fontes que possibilitem a leitura desse processo no interior de uma historicidade, e não de um historicismo⁶.

E as fontes que possam conter traços desse processo são diversas, prenes de ideias e materialidades sobre devires geográficos. Fontes que podem ser suportes decisivos na formulação de soluções para o capital, mas, também, contraditoriamente, para saídas dos problemas geográficos dos explorados por este capital. Mas, não basta encontrá-las e descrevê-

⁶ Sobre a importância do tempo na análise geográfica, ver: Santos, 2004.

las. Para evitar as armadilhas de algumas fontes, que são transformadas em possíveis ‘documentos do capital’⁷, é essencial conhecer e estudar signos discursivos (BAKHTIN, 1999), e uma materialidade que pode acompanhá-los. Muitos desses documentos são perigosos. É preciso sair dos escafandros para ler paisagens no espaço geográfico como palimpsestos (LEWIS, 1993).

O artigo se propõe assim a apresentar, no interior da produção do espaço brasileiro, um pequeno processo: uma formação territorial e alguns rebatimentos, a partir de pesquisa bibliográfica e de campo sobre ideias e ‘elementos de territorialidade’ (MORAES, 2011) geográficas acerca da formação territorial do município sergipano de Itabaiana, com o objetivo de desvelar e/ou indicar caminhos⁸ para entendimentos de contradições atuais, e possibilidades de práxis.

Das minas de prata a outros interesses... Relatos de pesquisa

Ao integrar o corpo docente do Departamento de Geografia de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe a partir de julho de 2013, a necessidade de contribuir com estudos que viabilizassem acrescentar conteúdo sobre a Geografia de Itabaiana na perspectiva de estabelecer um *locus* de discussão sobre o município, como também suas localidades limítrofes. Mas, antes de definir caminhos a percorrer, pesquisar, a necessidade de um diagnóstico preliminar: geográfico, histórico e social, e de certa forma, também relacionado com as ações de preservação do patrimônio cultural e ambiental de/em Itabaiana. O diagnóstico obteve uma amostragem mínima de possíveis demandas, sobretudo entre os discentes do curso que também figuraram/figuram como referências de questões de pesquisa que poderiam ser analisadas.

Além de escutar pessoas - audições de relatos dos discentes -, consultas virtuais e presenciais a dados em instituições como: Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE); Prefeitura Municipal de Itabaiana, Governo do Estado de Sergipe e Secretarias que o constituem, Bibliotecas do Campus Professor Alberto Carvalho e do Campus José Aloísio de Campos, entre

⁷ Categoria de análise em estudo.

⁸ Caminhos trilhados na Graduação a partir de projetos de iniciação científica e seus desdobramentos. (Projetos desenvolvidos via COPEs/UFS.

outras; e consulta sobre a produção no Departamento de Geografia, foi possível visualizar os seguintes resultados:

Conjunturais (GEORGE, 1978), no sentido de uma observação pontual do que estava mais recorrente. Assim, foi identificada a necessidade de uma revisão da história e da geografia, o que apontou para a necessidade de um levantamento e inventário bibliográfico sobre Itabaiana; e um grande quantitativo de discentes que residiam/residem e trabalham no campo.

Estruturais – no sentido de compreender as relações de totalidade sobre o que se observa, e as suas interfaces com a formação territorial de Itabaiana. Como as desigualdades sociais derivadas da lógica do capitalismo sobre a terra; mobilidade do trabalho e sua precarização acentuada; pouca conservação ambiental e cultural tanto no campo quanto na cidade; centralidade da feira e do comércio de Itabaiana, vinculada à contribuição na circulação e distribuição de mercadorias em Sergipe, sobretudo hortifrutigranjeiros (CARVALHO, 2010).

Diante da definição de uma linha prévia de estudos, o foco recaiu sobre os resultados conjunturais: uma revisão na historiografia sergipana recorrente (NUNES, 1975; LIMA JUNIOR, 1913; FREIRE, 2013; CARVALHO, 1973; SUBRINHO, 2008; SILVA, 2019; SOUZA, 2005). Fontes sobretudo impressas, mas também algumas fontes primárias manuscritas⁹, como as de cartografia histórica. As fontes consultadas despertaram para hipóteses, sem perder o escopo de categorias de análise prévias dos projetos de pesquisa: formação territorial (MORAES, 2011), terra e trabalho, e costume¹⁰ (THOMPSON, 1998; BLOCH, 2001).

De posse desse olhar inicial, e também dos limites de quem propõe a pesquisa, foram definidos encaminhamentos para o que estudar naquele momento. Foram duas primeiras intervenções¹¹, levantamentos e inventários de fontes relativas à formação territorial de Itabaiana, sem perder

⁹ Fontes e documentos disponíveis em *sites* de instituições como: Biblioteca Nacional; Arquivo Nacional; Universidade de Chicago (consulta aos Relatórios de Presidentes de Província de Sergipe); Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe e de tantos outros Institutos Federais de Ensino.

¹⁰ Estas três últimas foram delineadas a partir de dois anos de contato com as fontes.

¹¹ PVE2093-2014 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território nos séculos XVII ao XIX. PVE3637-2015 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território; PVE4480-2016 - DAS MINAS DE PRATA A OUTROS INTERESSES: pensamento geográfico e geografia histórica de Itabaiana - fontes e temas relativos à formação de seu território.

de vista as relações estruturais com outras escalas geográficas e temporais. E na sequência, a partir do terceiro projeto, a ampliação das categorias e de uma nova fonte: a memória (POLLAK, 1989; 1992; ROSSI, 2010; SANTOS, 2012).

As fontes precisavam (e ainda continuam) ser conhecidas, relidas por uma nova geração de pesquisadores, geógrafos em formação, assim como acompanhar a produção recente sobre o município que foi/é obtida principalmente nos resultados acadêmicos de cursos diversos¹².

As questões obtidas nas fontes, registram o ‘desejo’ das minas de prata e ouro nas serras do Agreste de Santo Antônio e Almas de Itabaiana por parte de colonizadores, a ocupação de terras, as formas do trabalho, a disseminação de leis da Metrópole – civis e eclesiásticas, mas também se constituíram costumes, muitos como leis locais (*lex. loci* – THOMPSON, 1998), derivadas de uma plêiade étnica¹³. Itabaiana, não teve suas terras com exploração dos minérios de prata e de ouro, mas ficou uma ‘vocaçãõ’ de ‘terra do ouro’, sendo conhecida por seu centro comercial abrigar uma série de lojas disponíveis para produtos ‘de ouro’¹⁴.

A proposta de tese, construída ao longo das pesquisas, investiga **o que fica para além das minas não exploradas**, quais caminhos impostos à formação territorial? Para apresentar alguns argumentos sobre essa pergunta, uma revisão historiográfica e teórica, escavar vestígios da produção de um espaço inicialmente sob uma acumulação primitiva de capital, seguido da espacialização de estratégias capitalistas, e reminiscências de resistência ao capital nas relações campo cidade.

¹² Cursos universitários de graduação e pós-graduação de Sergipe e de outras instituições brasileiras. No segundo projeto ampliamos os levantamentos e inventários de dissertações e teses.

¹³ Uma possível prospecção arqueológica em locais estratégicos mencionados na historiografia sergipana, em algumas estruturas visualizadas na paisagem do que corresponde a primeira configuração territorial de “vasto districto” (LIMA JÚNIOR, 1913), esta hipótese poderia ser confirmada se identificados sítios arqueológicos multicomponenciais.

¹⁴ A historiografia consultada não explicita quando teria se iniciado essa vocação para o comércio de joias e semijoias em Itabaiana. Na pesquisa ainda não foram incluídas atividades para localizar este dado, mas um levantamento na Associação Comercial de Itabaiana, assim como entrevistas entre os comerciantes mais antigos neste segmento, poderia esclarecer. Dados do Serviço Geológico do Brasil (BRASIL..., CPRM [s.d.]), e do Plano de Manejo do Parque Nacional Serra de Itabaiana (BRASIL, ICMBio, 2016) apresentam ocorrências do minério em subsolo. Além de menção a lendas relacionadas à ouro e prata nas serras presentes em Itabaiana, o que teria se iniciado talvez com as buscas de Belchior Dias Moreya, no século XVII, como mencionado neste artigo.

Sem a prata, “o cio da terra”¹⁵

As possibilidades de estudo na história do pensamento geográfico brasileiro podem ser consideradas recentes do ponto de vista do desenvolvimento da ciência geográfica no Brasil¹⁶, mas alguns encaminhamentos de pesquisa corroboram sobre a necessidade de fontes para estudar esse pensamento. E também atividades de campo diversas relacionadas à busca.

O que seriam e quais seriam essas fontes documentais, e onde estariam? Algo que contenha discursos sobre o espaço. Desde um objeto tridimensional a uma paisagem, memórias. Não se trata de interferir na epistemologia da ciência geográfica com esta afirmação¹⁷. Ou minimizar o potencial dos estudos geográficos, ou forçosamente alargar uma visão sobre ler uma geografia em qualquer ‘coisa’. Mas, saber que as fontes, enquanto possibilidades de conterem, indicarem possibilidades de acesso às construções físicas e humanas dos espaços geográficos, podem ser registros, documentos históricos, geográficos. (GEORGE, 1972).

Um olhar sobre o pensamento geográfico da formação territorial de Itabaiana significa assim, continuar a examinar este processo, fazer uma geografia social, humana, física (TRICART, 2011, [1956]), a fim de consolidar uma pauta reiterada de estudo acadêmico sobre Itabaiana, como parte do conteúdo de formação discente de futuros professores de Geografia. Sejam na/da educação básica, sejam no/do ensino superior. Não se trata de repetir incansavelmente um autoplagio de projetos de iniciação científica, mas de revisá-los reiteradamente, à medida em que algumas possíveis questões tenham atingido um entendimento com respostas aos objetivos de pesquisa.

Estabelecer uma pauta de pesquisa: acompanhar mudanças na formação territorial, contribuir na diminuição de problemas estruturais geográficos referidos neste texto. Todavia, o cuidado de produzir um conhecimento que não seja sem sentido, sem práxis a fim de não sucumbir às constatações de Benjamin (1986, p. 158): “[...] a ideia dominante da vida estudantil é a profissão e o emprego, não há lugar para a ciência. A ideia dominante então, não pode ser a dedicação a um conhecimento com o qual se corre o risco de abandonar o caminho da segurança burguesa”.

¹⁵ Título de uma ‘canção de trabalho’ de Milton Nascimento e Letra de Chico Buarque, 1977.

¹⁶ Sobre um perfil de pensar uma história do pensamento geográfico, ver: Sousa Neto, 2001.

¹⁷ George (1978) já observava essa questão.

Estudar em uma universidade pública, implica conhecer barreiras ideológicas, mesmo no século XXI, que podem ser perversas para o campo e, a cidade, para a humanidade.

Esse posicionamento científico possibilita enxergar as contradições envolvidas na pesquisa em todas as suas etapas. Que, na proposta apresentada, começa no reconhecimento de fontes e finaliza com algumas atividades de socialização da pesquisa.

Nos levantamentos e inventários realizados sobre a formação territorial de Itabaiana: quem manteve/mantém a formação territorial entre tempos? “O cio da terra”? Uma ‘vocação agrícola’?

No ir e vir das pesquisas, nas aulas na graduação, nas atividades de campo, ficavam dúvidas. Às vezes difíceis de serem percebidas. Há uma certa névoa para ver o que está muito perto, o que é cotidiano, comum. Nas atividades de docência, no Campus Professor Alberto Carvalho, foram visualizadas fontes comuns, como: feira livre, plantações agrícolas, arquitetura das habitações, ruas estreitas no centro da cidade, distintas formas de valorização do espaço urbano entre tempos, esvaziamento do campo, precarização do trabalho. E tantos outros conteúdos fragmentados se sobrepunham/sobrepõem aparentemente sem muito sentido, mas podem ser parte do que Benedict Anderson (2008) analisa sobre a produção de documentos e demais estratégias a serviço do capitalismo para homogeneizar discursos e produzir um “capitalismo tipográfico”, que, atualmente poderia ser denominado de “capitalismo de mídias sociais”, uma vez que a tipografia cede lugar à rede mundial de computadores, e a enxurrada fragmentada de farpas de informação, os vapores da “compressão do espaço tempo”, da pós-modernidade (HARVEY, 1992), e que também se observa em Itabaiana.

Itabaiana possui, em um primeiro ‘golpe de vista’, uma área urbana de pessoas rápidas em suas vidas a resolver horários, em compras, sepultamentos, problemas médicos, festas, questões bancárias, *motoboys* acelerados, outros veículos automotivos de forma igual, comércio variado. Mas, também, problemas a crescerem - ambientais, sociais, econômicos, de saúde: fogo anual na cobertura vegetal das serras, problemas nutricionais entre a população (aumento no consumo de alimentos ultra processados), entradas nas unidades de saúde por contaminação por agrotóxicos (apesar da negação). Desaparecimento de áreas verdes, padronização de fachadas de residências na área urbana, a valorização do campo ganha contorno nas chácaras de finais de semana. A destruição de estradas seculares para especulação imobiliária; aumento na

instalação no número de farmácias. Estes são alguns dos fractais que se apresentam no caleidoscópio do pesquisador. É uma formação territorial que segue, cumpre prescrições do capital: alienação, precarização da vida, acirramento das desigualdades sociais.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os dados sobre *Trabalho e Rendimento* dos 18,6% da população ocupada¹⁸ de Itabaiana¹⁹, em 2018, era:

[...] o salário médio mensal era de 1.6 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 18.6%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 70 de 75 e 5 de 75, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4427 de 5570 e 1540 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 42.1% da população nessas condições, o que o colocava na posição 71 de 75 dentre as cidades do estado e na posição 2463 de 5570 dentre as cidades do Brasil (BRASIL, 2018).

Por outro lado, os mesmos dados oficiais também têm demonstrado um aumento em níveis de desenvolvimento humano, como no aumento dos níveis de escolarização da população, e queda nas taxas de mortalidade infantil.

Em relação à estrutura fundiária, segundo a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe – EMDAGRO (SERGIPE, 2018), o município possui 58 comunidades distribuídas em sua área de 336,692 Km², contando com a sede municipal.

E o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (BRASIL, 2017, p. 57) completa os dados sobre essa estrutura, em que se destaca um grande número de minifúndios (Tabela 1), o que sustenta uma proposta de tese de uma ordenação do território para cultivo de alimentos (SOUSA, 1996; SANTOS, 2014):

¹⁸ Não incluem os dados dos trabalhadores informais e demais nomenclaturas atribuídas.

¹⁹ População total em 2010: 86.967; estimada em 2019: 95.427.

Tabela 1 - Estrutura fundiária

Município	Grande propr.	Área (ha)	Média propr.	Área (ha)	Pequena propr.	Área (ha)	Minifúndio	Área (ha)
Itabaiana	6	2.465,20	23	3.424,36	201	7.044,71	4.181	14.138,74

Fonte: BRASIL, INCRA, 2012 apud BRASIL, INCRA, 2017, p. 57.

O último Censo Agropecuário (2017) permite fazer algumas inferências entre a presença dos minifúndios devido aos cultivos ainda presentes, principalmente de Mandioca. São 861 estabelecimentos que ocupam suas terras com esse produto, com um total de 267 hectares, além de Amendoim com casca, Feijão Fradinho.

Esta observação mais uma vez corrobora com o argumento supracitado, sobre o papel de Itabaiana na produção de alimentos, como a historiografia destaca a partir da ocupação colonial desde o início do século XVII (BISPO, 2013). Assim, em conjunto com a pequena propriedade fundiária, o papel do camponês. Ainda que haja a diminuição do quantitativo de população rural, muitos moradores da cidade costumam ter uma mobilidade do trabalho²⁰ nos sítios e ocupação na cidade, ou residem na cidade e mantêm unidades de produção camponesa.

Falar de pensamento geográfico requer, portanto, além de saber reconhecer fontes e suas relações com o real concreto, mas, principalmente o que neste real, ainda que seja como um palimpsesto, são marcas de exploração humana?

Compreender que esses delineamentos – apagados, redesenhados que derivam da valorização do espaço (MORAES; COSTA, 1987) sob contradições, é desafiante. São produtos de disputa de interesses, de vida. Na formação do território de Itabaiana, uma miríade de sujeitos históricos sob lógicas de exploração de sua força de trabalho, uns em menor, outros em maior intensidade. Mas, são os camponeses que, ainda de forma silenciosa, mantiveram/mantém um pensamento geográfico e uma geografia histórica desse processo sob uma resistência silenciosa, e que proporcionam um acesso ainda que não muito quantitativo, mas qualitativo sobre quem produz

²⁰ Como exemplo a pesquisa “Ir, Vir e Resistir: A Mobilidade do Trabalho Camponês em Itabaiana/SE”, de Juliana Lima da Costa, sob orientação da Professora Dra. Marleide Maria Santos Sérgio, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisa de Mestrado qualificada em 30/03/2020 (https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt&id=137¬icia=417220660).

no interior dos territórios, ainda que para os documentos oficiais, sejam apenas números em conjunto com a população pobre das cidades. População que também, na maioria das vezes, foram/são camponeses, descendam de camponeses, ou que exercitem a mobilidade do trabalho.

É preciso, entretanto, ter discernimento que, raramente, a categoria de análise camponês, vai ser referenciada tanto nos discursos quanto nas marcas territoriais. A princípio, ela figura na pesquisa como uma categoria de análise, a partir de um método (CONCEIÇÃO, 1991; FORMAN, 2009).

Com a definição das categorias analíticas para a pesquisa, as três últimas intervenções²¹ têm procurado desvelar o papel do camponês na formação territorial. As fontes possíveis que contemplam as referidas categorias, corroboram para ler discursos e materialidades do processo. Como o conhecimento das delimitações iniciais do território itabaianense, assim como de suas perdas territoriais identificadas por José de Almeida Bispo (2013), em sua obra *Itabaiana: nosso lugar: quatro séculos depois*. O que para este autor, segundo sua vasta pesquisa documentos raros, teria ocorrido a partir da segunda metade do século XVIII e se consolidado em 1953 com a perda de áreas para a formação de municípios.

Atualmente há uma grande quantidade fontes sobre Itabaiana, mas ainda há dificuldades para encontrar dados sobre o passado colonial brasileiro, quiçá sergipano, itabaianense. Esta afirmação não é mero descaso de não saber encontrar fontes. Mas, deve-se a alguns problemas: o fato de o país ter sido colônia por quase quatro séculos, o que gerou uma grande dispersão documental; derivada de uma dependência colonial, e imperialista (SOUSA NETO, 2000; SANTOS, CONCEIÇÃO, 2016). Talvez seja este um dos papéis dos estudos do pensamento geográfico e da geografia histórica: “reesencializar os espaços” (MOREIRA, 2012), dar um sentido ao que parece destruído ou sem sentido, unir pedaços de tempo, de espaço e de pessoas, além de trazer contribuição para uma história da ciência geográfica no Brasil.

²¹ PVE5620-2017 - “Sítio e roça, costumes e trabalho: fontes e conhecimento camponês para um pensamento geográfico e uma geografia histórica da formação territorial de Itabaiana, Sergipe”; PVE7138-2018 - Trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana, Sergipe PVE8332-2019 - Costume, terra e trabalho na formação territorial de Itabaiana).

Referências

ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. Introdução. In: ANDERY, Maria Amália Pie Abib et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 16.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BAKHTIN M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; 1999.

BENJAMIN, Walter. Paris Capital do Século XIX [Exposé de 1939) In: Benjamin W. **Passagens**. Edição alemã Rolf Tiedemann; Organização da ed. brasileira Willi Bolle; colaboração na organização da ed. brasileira Olgária Chain Féres Matos; Tradução do alemão Irene Aron; Tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mouraço. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 53-67.

BLOCH, Marc. **A terra e os homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BISPO, José de Almeida. **Itabaiana, nosso lugar: quatro séculos depois**. Aracaju: Infographics, 2013.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro. O caráter histórico-social do conhecimento no pensamento de Marx. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 40, n. 2, p. 157-174, abr./jun., 2017.

BRASIL. Governo Federal. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Divulgação Estatística. Setor de Publicações Estatísticas Regionais. **Coleção de Monografias**. 7ª Série A – n. 604 – Itabaiana, SE. Rio de Janeiro: Oficinas do Serviço Gráfico do IBGE, 03/12/1975. 19 p.

BRASIL. Governo Federal. Ministério das Minas e Energia. Serviço Geológico do Brasil (CPRM). **Recursos Minerais do Estado de Sergipe**. [s.d.] Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/media/geologia_basica/plgb/sergipe/sergipe_listagem.pdf. Acesso em: 20/06/2020.



BRASIL. Governo Federal. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). **Parque Nacional Serra de Itabaiana** - Plano de Manejo. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/mata-atlantica/unidades-de-conservacao-mata-atlantica/2211-parna-serra-de-itabaiana>. Acesso em: 15/05/2018.

BRASIL. Governo Federal. IBGE. Cidades. Itabaiana. Sergipe. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itabaiana/historico>. Acesso em 21/06/2020.

BRASIL. Governo Federal. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Relatório de Análise de Mercado de Terras. Disponível em: http://www.incra.gov.br/media/docs/mercado-terra/ramt_sr23_2017.pdf. Acesso em: 22/02/2019.

CAPEL, Horácio. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. 3.ed. Barcelona: Barcanova – Temas Universitarios, 1988.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. Questões teóricas e tendências da geografia histórica. **GEOgraphia**, Niterói, Universidade Federal Fluminense. vol. 20, n. 42, jan./abr., p. 25-37, 2018. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v20i42.a13830>. Acesso em 02/05/2019.

CARVALHO, Diana Mendonça de. **Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana-SE**. 2010. 231 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

CARVALHO, Vladimir Souza. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana: Edições O Serrano, 1973.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **A questão camponesa: o olhar sob o signo dialético**. Dissertação. 142 p. Mestrado em Geografia. Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. 1991.

DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. 9.ed. 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

FORMAN, Shepard. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe (1575-1855)**. 3.ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 17. ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

LEFEBVRE, H. A organização tradicional. In: LEFEBVRE, Henri. **O Vale de Campan: Estudo de sociologia rural**. Tradução: Ana Cristina Mota Silva, Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. p. 111-125.

LEWIS, Pierce. Common landscape as historic documents. In: LUBAR, Steven; KINGERY, W. David (Eds.). **History from things: essays on culture material**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1993. p. 115-139.

LIMA JÚNIOR, F. A. de Carvalho. Monografia histórica do município de Itabayana. **Revista do Instituto Histórico e geográfico de Sergipe**. Aracaju. v.2, n.4, 1914. p. 128-149.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios; USP-Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2011

MORAES, A. Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 7.ed. São Paulo: HUCITEC, 1987.



MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, Antonio C. Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 1: as matrizes clássicas originárias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e Práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012.

NUNES, Maria Thétis. Ocupação territorial da vila de Itabaiana: a disputa entre lavradores e criadores. In: Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, 1975. Aracaju. **Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. v.2, p. 407-420. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/9-snh08>. Acesso em: 24 nov. 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, p. 15 - 38, 2010.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. Das minas de prata à vocação agrícola: rastros sobre a formação territorial de Itabaiana, Sergipe (séculos XVII-XIX). **Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT**. Belo Horizonte. 2014.



SANTOS, Fabrícia de Oliveira; CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. “Avista-se de muito longe do mar em fora”: desvelar fontes e marcas sobre a formação territorial de Itabaiana além das minas, da serra, e de sua distância do litoral (séculos XVII-XIX) – **Anais**. IV Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, II Encontro de Geografia Histórica. UFMG. 09 a 12/12/2016.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A construção social da memória. In: SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2 ed., p. 39 - 99, 2012.

SERGIPE. Estado de Sergipe. Secretaria de Estado da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e da Pesca – Seagri. Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe – Emdagro. **Informações Básicas Municipais** – Município de Itabaiana. Disponível em: <https://emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/ITABAIANA-Informações-Básicas-Municipal-2018.pdf> Acesso em: 03/03/2019.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe 1820-1920**. 1ª. reimp. Aracaju: Infographics, 2019. (Coleção Casa de Sergipe, v. 15)

SOUSA, Antonio Lindvaldo. “**Homens de parte com o diabo**”; **violência, medo e ordem pública no cotidiano das fronteiras e do agreste de Itabaiana, SE (1889-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 1996.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. Breve ensaio em memória dos números da pós-graduação em Geografia no Brasil. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, Ano XXV, n. 1, p. 04-14, jan./jul. 2014.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras? **Terra Livre**, São Paulo n. 17, p. 119-138, 2º semestre, 2001.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. As outras histórias. Ou da necessidade delas. **Terra Brasilis**, n. 2, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.321> Acesso em: 24/06/2019.



SUBRINHO, Josué Modesto dos Passos (Org.). **Os classificados da escravidão**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2008.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THUILLIER, Pierre. O contexto cultural da ciência. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v. 9, n. 50, p. 18 – 23, 1989.

TRICART, Jean. A geomorfologia e o pensamento marxista. Apresentação Maria Dolores BUSs. In: SILVA, Tereza C. da (Org.). **Da teoria à prática da geografia global**: abordagem transdisciplinar proposta por Jean Tricart. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011. p. 63-94.

Recebido em 2020-05-31

Aprovado em 2020-06-29

Publicado em 2020-07-15

